

Terra Brasilis

Terra Brasilis (Nova Série)

Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

2 | 2013

Historiografia da história da geografia

A Geografia Histórica e as formas de apreensão do tempo

La geografía histórica y las formas de aprehensión del tiempo

Géographie historique et les formes d'appréhension du temps

Historical geography and the forms of apprehension of time

Paulo Roberto Teixeira de Godoy



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/767>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.767

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

Paulo Roberto Teixeira de Godoy, « A Geografia Histórica e as formas de apreensão do tempo », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 2 | 2013, posto online no dia 21 junho 2013, consultado o 20 abril 2019.

URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/767> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.767

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

A Geografia Histórica e as formas de apreensão do tempo

La geografía histórica y las formas de aprehensión del tiempo

Géographie historique et les formes d'appréhension du temps

Historical geography and the forms of apprehension of time

Paulo Roberto Teixeira de Godoy

Introdução

- 1 A relação entre Geografia e História se intensificou a partir do século XVIII. A identificação dos topônimos antigos e a descrição do teatro dos acontecimentos humanos eram as principais contribuições da geografia à história (CAPEL, 1981). A preocupação da Geografia com a História cresceu à medida que o passado se transformou em chave do conhecimento para projetar o devir da natureza e do homem. Na Alemanha, sob influência de Herder e Hegel, K. Ritter atribuiu à História um peso decisivo em suas análises geográficas e proposições de cunho pedagógico. Na França, a relação entre Geografia e História chegou ao ponto de, em meados do século XX, criar uma verdadeira escola de geógrafos e historiadores: a *geo-história*.
- 2 Se, por volta dos anos 1970, a concepção de tempo na Geografia Histórica francesa estava assentada na tradição braudeliana da “longa duração” e, conseqüentemente, na definição dos temas e dos períodos de estudo; nas últimas décadas, os recortes temporais, com menor recuo em relação ao presente, passaram a privilegiar a conjuntura, as instituições e os eventos – a “curta duração” – do cotidiano. Nesse sentido, o conceito de tempo histórico adquiriu novas tonalidades, libertou-se das estruturas monótonas da “longa duração” e estendeu-se aos fragmentos da vida urbana e sua arqueologia urbanística. Como diria Hartshorne (1978, p. 107), em *Propósitos e Natureza da Geografia*, “o presente aí está, vivo e atuante, e nós somos capazes de aprender, com a observação direta dos fatos essenciais de sua estrutura [...] medindo seu dinamismo”.

- 3 As formas de apreensão do tempo no campo da Geografia Histórica não se limitam às temáticas específicas no interior desta disciplina, estão ligadas a leituras filosóficas distintos e que tecem a diferenciação ideológica das dimensões prática e teórica das categoriais de análise do tempo histórico e do espaço geográfico.

A história e a sobreposição de tempos geográficos

- 4 À concepção de que o espaço e o tempo são totalidades históricas e geográficas produzidas no metabolismo sociedade-natureza (SANTOS, 1979) e, ao mesmo tempo, veículos primários de representação das relações sociais (BOURDIEU, 1989), os conceitos de espaço geográfico e tempo histórico tornam-se condições práticas e discursivas essenciais à constituição do horizonte de interesses ideológicos das classes sociais. Historicamente, o domínio científico e filosófico desses conceitos e das áreas do conhecimento que os sistematizaram como objeto de estudo constituiu a condição discursiva *ineliminável* aos intelectuais burgueses desde o século XIX.
- 5 Em Ratzel, a construção da temporalidade da relação homem-meio, cujo devir era o Estado-nação e o domínio do “espaço vital”, fora interpretada em sua estreita conjugação com a concepção orgânica difusionista, linear e eurocêntrica da história e com o lamento em relação ao colapso da aristocracia e, ao mesmo tempo, com a consciente participação política na formação do Estado territorial capitalista alemão. Por outro lado, a Geografia Histórica francesa, durante as últimas décadas do século XIX, desenvolveu-se, segundo Capel (1981), em um contexto político e acadêmico favorável às monografias regionais, sobretudo ao assumir a função ideológica em defesa da ordem econômica e política estabelecida pelo Estado imperialista francês. Como bem salientou Said (2011, p. 351), “o imperialismo, afinal, é um gesto de violência geográfica por meio do qual praticamente todo o espaço do mundo é explorado, mapeado e, por fim, submetido a controle”.
- 6 Os estudos de Auguste Longnon, Théophile Lavallée (ambos ligados a Escola Militar francesa), Jules Sion e outros que acompanharam a tradição da geografia histórica dos Estados, das fronteiras e das circunscrições administrativas versaram, principalmente, acerca das formas de adaptação das atividades humanas ao meio físico a partir de uma perspectiva histórica (FLATRÈS, 1974). As tradições e as paisagens do mundo rural francês ganharam relevância nos estudos de geografia histórica à medida que o desenvolvimento da economia nacional provocava a dissolução dos antigos laços regionais e os substituiu pela mediação do Estado em uma nova divisão do trabalho imposta pelo capital industrial. Com efeito, a concepção geográfica do passado, revestida de iconografias e documentos cartográficos e assentada em registros de fatos históricos, trazia, em sua genealogia pedagógica, a construção da imagem do território nacional e do ideal identitário.
- 7 Para Lacoste, a Geografia Histórica, desde sua gênese, está profundamente ligada ao exercício do poder e às formas de domínio territorial: “le passé des territoires est en effet une question géopolitique de la plus grande importance, surtout s’il est controversé” (1996, p. 6).
- 8 Se no início imperou a tradição de Tucídides, em que a história definia-se como o estudo dos “fatos dignos de memória” (o que, em certa medida, confirma os estudos em Geografia Histórica acerca dos Estados soberanos e fronteiras, das guerras militares, povoamentos etc.), lentamente, na retaguarda das transformações geradas pelo capitalismo industrial e as novas investidas na expansão colonial, os estudos

monográficos passaram a se dirigir para o interior do território nacional e para uma “geografia nacional”.

- 9 De acordo com Chesneaux (1995, p. 122),
cada povo, no nível do Estado-nação, procura se inserir na história mundial através de seu perfil nacional original, afirmar sua identidade nacional no tempo longo. Procura, por exemplo – e essa reivindicação foi invocada a propósito dos abusos do quadripartismo histórico –, organizar seu próprio passado em função das articulações essenciais de sua própria história.
- 10 Por meio dos fragmentos da paisagem rural, a Geografia Histórica francesa recriou o tempo lento e cíclico da produção agrícola condicionado à natureza e entrelaçado no ritmo das estações do ano e nas variações do relevo, do solo e do clima; o tempo, assim visto, desacelera e transforma-se em uma estrutura espessa de “longa-duração”: o *meio geográfico*. Caracterizada pela permanência, a história tornou-se passível à observação, e a paisagem, síntese do tempo histórico e registro da projeção do passado, a revelação da cultura material das civilizações.
- 11 Pitte (1996, p. 15) argumenta que tanto
L’histoire a eu longstems pour fonction de légitimer et de glorifier les regimes politiques successifs, mais aussi de former les princes et le elites en leur donnant à réfléchir sur les événements passés de la vie politique et militaire [...] Elle entre beaucoup plus tard – au XIX siècle – dans la culture populaire, au moment où l’on juge nécessaire d’éveiller l’intérêt général pour l’aventure coloniale et, après la défait de 1870, de rapeller l’unité et indivisibilité de la France en même temps que les historiens martèlent Le mythe de son *éternité* (grifo do autor).
- 12 Aprisionada no lugar, a história revela seu lado empírico, passível à observação e à descrição, bem como à quantificação, à classificação e, finalmente, à comparação-diferenciação e à síntese. O tempo, assim concebido, ao ritmo lento das estações do ano e do calendário agrícola – condição do movimento dos homens e da divisão do trabalho –, tornou-se o escultor da paisagem e do presente. Portanto, uma representação ideal das práticas sociais. Trata-se de um recorte da paisagem como forma de apreensão vertical do tempo, cujos fatos, em sucessão cronológica e circunscritos à escala geográfica dos eventos em seus contextos regionais, obedeciam a certas condições colocadas ora pelo temário eleito pela investigação em sua estreita relação com o mundo rural ora pelos “critérios metodológicos”. Estes últimos, referenciados pela intenção de fidelidade aos documentos cartográficos, censos e arquivos históricos, e aparentemente blindados pelo realismo pragmático das técnicas de pesquisa, expõem, de modo mais substantivo, as formas de apreensão do tempo pela Geografia Histórica e seu quadro de representação das práticas sociais.
- 13 Em suma, podemos apresentar um quadro das influências que se manifestaram na evolução do campo de interesse da Geografia Histórica na França e na Alemanha durante os séculos XVIII e XIX sob três tipos de influências: a primeira, abordando a reconstrução da paisagem a partir da descrição detalhada da geografia de uma região em um dado momento do passado, filia-se metodologicamente ao empirismo e à concepção memorialista e fatal da história; a segunda, associada à noção de “paisagem histórica” (*landschaftskunde*) e fortemente influenciada pelo romantismo alemão, define a paisagem como uma entidade orgânica em evolução, a paisagem regional apresenta-se como produto da totalidade – social, política e natural – e é determinada por distintas ordens (naturais e transcendentais) geradas pelo próprio processo de mudança e desenvolvimento histórico; a terceira, associada à concepção de uma história “teológica-

teleológica” e, ao mesmo tempo, a de uma interpretação histórica da paisagem a partir do evolucionismo darwiniano, filia-se às concepções de K. Ritter e F. Ratzel, respectivamente (BASSIN; BERDOULAY, 2004, p. 293-295).

- 14 A complicação de base metodológica da Geografia durante o século XIX, e, particularmente, na Geografia Histórica, estava em harmonizar as abordagens empíricas, idiográficas e de síntese com as abordagens racionais, teóricas, universais (nomotéticas) e analíticas. Somente nas primeiras décadas do século XX, a Geografia Histórica passou a ganhar contornos mais nítidos e definir sua perspectiva teórica de investigação.
- 15 Uma das definições de geografia histórica que ganhou relevo na década de 1930 foi colocada por E. W. Gilbert (1932): “la vraie fonction de la géographie historique est de reconstruire la géographie régionale du passé” (GILBERT *apud* BASSIN; BERDOULAY, 2004, p. 296).

Periodização: breves considerações

- 16 As formas de divisão do tempo histórico em idades, períodos, épocas etc. sempre fizeram parte dos esforços de organização dos conhecimentos históricos adquiridos e transmitidos. Essa divisão, imbutida na historiografia e na concepção de tempo, teve como consequência a setorização da história, que tornou possível os recortes temporais. Para Novais (2005, p. 160), “as dificuldades nascem do fato de que, setorizando, é de certo modo possível (ou pelo menos aparentemente possível) encontrar critérios de periodização; [...] tentando apanhar o conjunto, parece impossível fixar critérios para os cortes temporais”.
- 17 Jean Bodin, por exemplo, elaborou uma divisão tripartite da história da humanidade: Antiguidade Clássica, Idade Média e Tempos Modernos. Seguindo a tradição desde Jean Bodin, como argumenta Baliñas (1965, p. 25):

La ordenación histórica no es una mera sucesión cronológica, en virtud de la cual se podría hacer corresponder un número ordinal a cada punto de vista y a cada forma de potencia de lo real correlativamente. En primer lugar, el tiempo es irreversible. [...] En segundo lugar, cada momento es cualitativamente insustituible [...]. En tercer lugar, cada situación histórica viene de las demás anteriore, y éstas quedan implicadas en ellas.
- 18 Outro fenômeno francês refere-se ao quadripartismo histórico – Antiga, Média, Moderna e Contemporânea –, que, para Chesneaux (1995, p. 93), “cumprir certo número de funções precisas [pedagógica, intelectual, ideológica e política], ao mesmo tempo no nível das instituições universitárias e no nível da ideologia. Desempenha o papel de um verdadeiro aparelho de Estado”.
- 19 De acordo com Rodrigues (1969, p. 114), as periodizações visam a apreender as “transformações e os nexos efetivos que as ligam como a um todo. São justamente esses nexos que se prestam à análise histórica e devem ser dispostos em cortes ou períodos que comportariam as *tendências dominantes e que logo caracterizariam uma época*” (grifos do autor).
- 20 Especializadas em analisar, avaliar e definir o que é o espaço geográfico e o tempo histórico, a História e a Geografia tornaram-se, em fins do século XIX, as expressões do crescente domínio científico e filosófico acerca da representação do tempo e do espaço e,

em certa medida, da função social da ideologia do pensamento geográfico na construção do ideário progressista do Estado nacional.

- 21 Com a *Escola dos Annales*, a representação do tempo histórico conheceu alterações mais profundas e duradouras, bem como a forma de periodização. Em paralelo com a Geografia Histórica do século XIX, houve primeiramente uma mudança substancial nos temas de estudos. Dos antigos temas ligados ao poder político dos Estados imperialistas, com a nova orientação dos *Annales* passou-se ao estudo de temas relacionados à economia e à cultura material. A ênfase na periodização recai sobre a temática definida *a priori* por um problema ou uma situação histórico-geográfica e as monografias circulam no interior de uma mesma estrutura de modo que o tempo possa ser pensado conceitualmente. Segundo Reis (1994, p. 24), “a periodização não se relaciona mais à história universal [...] não estuda épocas, mas estruturas particulares. É sempre [...] uma história circunscrita no tempo e no espaço”.
- 22 O conceito de tempo histórico subjacente à descrição da paisagem e ligado à tradição memorialista da Geografia Histórica do século XIX ignorou em certa medida a periodização tradicional do quadripartismo histórico (Antiga, Média, Moderna e Contemporânea), aproximando-se das concepções literárias e artísticas e, com efeito, privilegiando os recortes temporais mais específicos e estritamente ligados ao tema de estudo e seu contexto. Na literatura, por exemplo, “importa pouco que nas introduções de cada período se façam maiores ou menores referências à época, à situação histórica” (NOVAIS, 2005, p. 158). Ela constrói as temporalidades segundo a variação de ritmos de seu próprio objeto de estudo.
- 23 A forma de periodização que predominou na Geografia Histórica durante o século XIX, decorrente da concepção memorialista e fatual da história, privilegiou a descrição sincrônica dos fatos e lugares que glorificavam a ação do Estado, do exército nacional e, ao mesmo tempo, das tradições do mundo rural, de suas técnicas e seu habitat. O território nacional, bem como uma urdidura tecida pelo tempo e cravejada por “fatos dignos de memória”, refletia, em sobreposição, as imagens idílicas do Estado-nação.
- 24 Com efeito, as formas de periodização constituem, assim, tanto as representações do tempo como as metodologias de apreensão das dimensões sociais do tempo. Porém, como argumenta Novais (2005, p. 160-161),
ao fixar determinada dimensão – a vida econômica, por exemplo – é até certo ponto possível, sob certas condições, estabelecer determinadas configurações (sistemas econômicos, tipos de economia e etc.), que abrem caminho para uma periodização [...] As várias periodizações, entretanto, não coincidem, uma vez que parecem obedecer a ritmos diferentes.
- 25 A partir da década de 1920, o debate teórico nas ciências sociais, sobretudo na História e na Sociologia, passou a direcionar-se para os problemas do presente, colocados, sobretudo, pelo contexto do pós-Primeira Guerra, provocando, por conseguinte, mudanças epistemológicas na historiografia francesa e, portanto, na referência de inspiração dos conceitos de espaço e tempo e seus critérios de periodização. A concepção de tempo cíclico, herdada da tradição grega iniciada com Tucídides e Cícero, passando por J. Bodin, Montaigne, Voltaire, Diderot etc., em claudicante resistência ao processo de transformação social pelo qual atravessava a França e a Europa no século XIX, só foi questionada e substituída no período entre-guerras, quando Lucien Febvre, Marc Bloch e Roger Dion construíram uma versão moderna de Heródoto, em os *Annales*.

A Geografia Histórica e as formas de apreensão do tempo

A geografia é o meio por excelência
para diminuir a velocidade da história.
(Braudel, 1984)

- 26 Em Heródoto, o tempo se faz pelo movimento dos homens. A história ganha uma temporalidade humana – os *homens no tempo* –, sua finitude, valores e experiências em uma historicidade cujo tempo é irreversível. Heródoto realizou, como argumenta Reis (1994, p. 56), “uma mudança epistemológica substancial: ele quer acompanhar os homens em suas mudanças e realizar a sua descrição e análise – o homem é um ser basicamente temporal, finito, instável, histórico”.
- 27 Nos anos trinta, Lucien Febvre, em plena campanha pela renovação da historiografia francesa, “convida o historiador a inspirar-se nos problemas colocados pelo tempo presente, no qual ele vive, pensa e escreve”. E M. Bloch, seguindo os ensinamentos de La Blache, apontou o caminho: o “historiador parte das paisagens contemporâneas para remontar até o passado” (DOSSE, 1992, p. 67-68). Nesse sentido, como interpretado por Lefort, o clima tornou-se o principal artesão da paisagem. Dele, dependem a circulação dos portos, as colheitas agrícolas e os movimentos das rotas terrestres. O tempo lento das permanências só sinaliza mudanças quando em cena entram as cidades.
- 28 Para os historiadores dos *Annales* o tempo é duração (“longa duração”), estrutura que contém conjunturas de média duração e eventos de curta duração – a *dialética da duração*, como argumentou Bachelard, antes de Braudel. A história como sobreposição de temporalidades (meio geográfico, instituições, mentalidades etc.) que se organizam segundo a variação de seus ritmos, articulando o espaço geográfico das permanências aos movimentos conjunturais e de curta duração.
- 29 A concepção de tempo histórico, ponto crucial de diferenciação entre os métodos da historiografia e, portanto, da *geo-história* (neologismo que define a *démarche* braudeliana), não está fechada em si mesma. O tempo espacializado na paisagem, como queria Bloch, revela o passado em sua forma objetiva, particular, material e irreversível. “A história é então decomposta em planos sobrepostos, ordenados segundo a variação de seus ritmos” (DUTRA, 2003, p. 58). Com esta concepção de tempo histórico, os *Annales* orientaram a práxis social e a produção do conhecimento como atividades inteiramente distintas. A construção da pluralidade dos tempos “nos ajudam [como argumenta Wallerstein] a organizar a realidade social quanto impõem constrangimentos à ação social” (2003, p. 75). Em síntese, como bem colocou Chesneau, a “seta do tempo cravada no presente faz do passado a sua tábula rasa nas ações do cotidiano” (1995, p. 56).

Considerações finais

- 30 As breves considerações apresentadas acima evidenciam rupturas e continuidades em relação às formas de apreensão do tempo histórico pela geografia. Podemos, com isso, destacar dois momentos distintos em sua trajetória: a segunda metade do século XIX e o início da década de 1970 (ROBIC, 2006). Resumidamente, no primeiro momento, caracterizada pela concepção memorialista e teleológica da história e,

metodologicamente, pelo recorte vertical do tempo e pelo variado ritmo de seu objeto, a Geografia Histórica primou por temas eminentemente de caráter político e cultural. No segundo momento, contra a abordagem teleológica, privilegiando a natureza estrutural do tempo histórico e sob o paradigma da *geo-história*, os temas de estudos, longe da vida política, centraram-se, sobretudo, na economia e na cultura material.

- 31 A superação epistemológica da *geo-história* em relação à geografia histórica tradicional se consolidou em função de essa última ter produzido uma nova representação do tempo histórico e do espaço geográfico. Além disso, por ter a estrutura como ponto de partida, combateu a visão tradicional da geografia descritiva, ilustrada e enciclopédica e ampliou, a partir da geografia vidaliana, da história serial de Labrousse e da antropologia de Lévi-Strauss, a dimensão dos temas de investigação que, em certa medida, estreitaram os laços teóricos entre as ciências sociais e a história. Contudo, como bem salienta Dutra (2003, 69), mesmo com a aparente homogeneidade de alguns momentos parciais da concepção de espaço e tempo, “é o triunfo da heterogeneidade que prevalece [...] contra uma ontologia cientificista”.
- 32 A apreensão do tempo e do espaço e sua representação em temporalidades distintas e articuladas sob o signo da *geo-história* consolidaram, em certa medida, a definição de geografia histórica bem como o leque temático e as metodologias de pesquisa. A “longa duração” forneceu, portanto, a base sobre a qual a historicidade do “passado do território” pode, finalmente, ser integrada dialeticamente aos movimentos do presente.

BIBLIOGRAFIA

- BALIÑAS, C. A. **El Acontecer Histórico**: un estudio antológico sobre el tema del historiador. Madrid; México: Ediciones Rialp, 1965.
- BASSIN, M.; BERDOULAY, V.. La géographie historique: localiser le temps dans les espaces de la modernité. In: BENKO, G.; STROHMAYER, U. (Orgs.). **Horizons Géographiques**. Capítulo 6. Paris: Éditions Bréal, p. 292-338.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRAUDEL, F., O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II. Lisboa: Martins Fontes, 1984.
- CAPEL, H. **Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea**: una introducción a la Geografía. Barcelona: Montesinos, 1981.
- _____. **Geografía humana y ciencias sociales**: una perspectiva histórica. Barcelona: Montesino, 1984.
- CHESNEAUX, J. **Devemos fazer tábula rasa do passado?** Sobre a história e os historiadores. Tradução Marcos A. da Silva. São Paulo: Ática, 1995.
- DOSSE, F. **A história em migalhas**: dos Annales à Nova História. Tradução Dulce A. S. Ramos. São Paulo: Ensaio, 1992.

DUTRA, E. R. F. Tempo e estrutura na unidade do mundo mediterrâneo: Fernand Braudel e as voltas da história. In: LOPES, M. A. (Org.). **Fernand Braudel: tempo e história**. Capítulo 4. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 57-70.

FLATRÈS, P. La Géographie Rétrospective. In: **Hérodote**, n. 74-75, 4º semestre, Paris, p. 63-69, 1996.

HARTSHORNE, R. **Propósitos e Natureza da Geografia**. Tradução Thomaz N. Neto. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1978.

LACOSTE, Y. Le passé des territoires. In: **Hérodote**, n. 74-75, 4º semestre, Paris, p. 3-13, 1996.

NOVAIS, F. A. **Aproximações: ensaios de história e historiografia**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

PITTE, J. R. De la Géographie Historique. In: **Hérodote**, n. 74-75, 4º semestre, Paris, p. 14-21, 1996.

REIS, J. C. **Nouvelle Histoire e Tempo Histórico: contribuição de Febvre, Bloch e Braudel**. São Paulo: Ática, 1994.

ROBIC, M.-C. Approches Actuelles de L'histoire de la Géographie em France – au-delà du provincialisme, construire des Géographies Plurielles. In: **Edições Colibri/Inforgeo**, n. 18-19, Lisboa, 2006, p. 53-76.

RODRIGUES, J. H. **Teoria da História do Brasil**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.

SAID, E. W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1979.

WALLERSTEIN, I. O tempo, a duração e terceiro não-excluído: reflexões sobre Braudel e Prigogine. In: LOPES, M. A. (Org.). **Fernand Braudel: tempo e história**. Capítulo 5. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 71-80.

RESUMOS

As formas de representação do tempo e sua função ideológica constituem aspectos de um único problema que, durante as décadas de 1950 e 1960, esteve no centro do debate entre historiadores, geógrafos e sociólogos franceses: o conceito de tempo histórico. As reflexões aqui apresentadas são aproximações do tema e estão ainda em estágio inicial de estudo. As formas de apreensão e representação do tempo presentes na geografia clássica francesa no final do século XIX constituem o ponto de partida da análise sobre as heranças da concepção memorialista de história e do momento de transição, no período entre-guerras, para a concepção estrutural do tempo sob influência da escola dos Annales.

Las formas de representación del tiempo y su función ideológica son aspectos de un único problema que, durante las décadas de 1950 y 1960, fue el eje del debate entre historiadores, geógrafos y sociólogos franceses: el concepto de tiempo histórico. Los pensamientos presentados aquí son aproximaciones del tema y aún esté en la etapa inicial del estudio. Las formas de aprehensión y representación del tiempo presente en geografía clásica francesa a finales del siglo XIX constituyen el punto de partida del análisis sobre los legados del diseño memorista de historia y del momento de transición, en el período de entreguerras, para el diseño estructural del tiempo bajo la influencia de la escuela de los Annales.

Les façons de représentation du temps et de sa fonction idéologique constituent les aspects à un seule problème que pendant les années 1950 et 1960 a été dans le centre de discussion entre

historiens, géographes et sociologues français : le concept du temps historique. Les réflexions présentés dans ce travail sont encore des approximations sur le sujet, parce que cette étude est encore dans l'étape initial. Les façons d'appréhension et de représentation du temps présent dans la géographie classique française à la fin du XIXe siècle constituent le point de déclenchement de notre analyse sur l'héritage de la conception mémorialiste de l'histoire et du moment de transition, dans la période entre les deux guerres mondiales, pour la conception structurelle du temps sous l'influence de l'école des Annales.

The forms of representation of time and its ideological function are aspects of a single problem that was at the center of debate among French historians, geographers and sociologists during the 1950s and 1960s: the concept of historical time. The reflections presented here are approximations on the issue, and are still in the early stages of study. The forms of perception and representation of time, present in the classic French geography from the late nineteenth century, are the starting point of the analysis on the legacy of the memorialist conception of history and of the transition moment (in the interwar period) to the structural conception of time under the influence of the Annales School.

ÍNDICE

Mots-clés: temps historique, périodisation, école des Annales

Palavras-chave: tempo histórico, periodização, escola dos Annales

Palabras claves: tiempo histórico, periodización, escuela de los Annales

Keywords: historical time, periodization, Annales School

AUTOR

PAULO ROBERTO TEIXEIRA DE GODOY

Unesp/Rio Claro

Depto. de Geografia

prtg@rc.unesp.br